

Edel Albuquerque 04/11/87

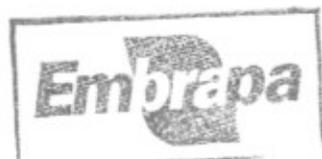
12 000

SUDENE - SUPERINTENDÊNCIA DO DESENVOLVIMENTO DO NORDESTE

A UVA NO SUB-MÉDIO SÃO FRANCISCO
- HISTÓRICO E PERSPECTIVAS -

Comunicado apresentado
pelo Dr. Edivaldo S. de
Goes e Dra. Terezinha,
C.S. de Albuquerque -
na 3ª Reunião do CANAVIN
- (Petrolina, Novembro/
1987).

RECIFE, 1987.



1. INTRODUÇÃO:

A videira, continua a ter a sua origem indefinida, porém, acredita-se que a viticultura iniciou-se na Armênia, estendendo-se depois para a Ásia Menor (entre os mares Cáspio e Negro), Trácia e Península Balcânica, alcançando a seguir a Síria, o Egito, Creta e a Grécia; cabendo, entretanto, sua difusão aos fenícios (600 A.C.) pela Itália, Gália e outras áreas do Mediterrâneo. Contudo, detalhes sobre o cultivo da videira figuram em mosaicos da Quarta Dinastia Egípcia (2.440 A.C.) e de outras posteriores.

Hoje, a videira é cultivada, praticamente, em todos os países do mundo, mesmo naqueles que não apresentam condições climáticas ideais.

No Brasil, a videira foi introduzida no início do século XVI, pelos colonizadores portugueses, através de bacelos de "Vitis vinifera", também conhecida como videira européia. Atualmente, predominam as espécies americanas e híbridas, que são rústicas, resistentes e de manejo pouco sofisticado, embora de qualidade inferior para mesa e incapazes de produzirem vinhos finos.

O cultivo da videira (Vitis spp) pode ser feito, em grande parte do território nacional.

A maior área vitícola do País está localizada no Estado do Rio Grande do Sul, sendo este Estado o responsável por mais de 70% da produção nacional de uvas e por 85% da produção de vinhos.

Além dos Estados onde a viticultura se estabeleceu e se estabilizou, no decorrer dos últimos anos, ela se expandiu para outras regiões, onde encontrou condições primordiais à sua expansão, como seja, a ausência ou a baixa incidência de precipitações pluviais, no decurso do processo de maturação dos frutos.

No Nordeste, a videira foi introduzida em 1542, por João Gonçalves, na Ilha de Itamaracá, em Pernambuco. No entanto, seu cultivo continuou sendo, por muito tempo, uma atividade incipiente, sem nenhuma expressão econômica.

Nesta região a viticultura somente passou a ser encarada como atividade economicamente viável, depois que o semi-árido foi "descoberto" para a agricultura irrigada. Neste contexto, a região do Sub-médio São Francisco despontou como excepcionalmente promissora à exploração da videira. De fato, nesta área se encontram as condições edafoclimáticas mais propícias do País ao cultivo de castas finas, tanto para a produção de uvas de mesa, como para a de vinhos de alta qualidade.

Note-se que a pluviosidade média anual desta região não ultrapassa a 480 mm, dos quais cerca de 70% se distribuem em 3 a 4 meses apenas. No tocante à umidade relativa do ar, a média oscila em torno de 60%, descendo a menos de 40% nos meses de setembro a dezembro. Finalmente, as médias das temperaturas máximas e mínimas são de 26° e 20°C, respectivamente, oscilando muito pouco em torno desses valores. Ao lado das temperaturas elevadas, constata-se um fotoperíodo praticamente estável (em torno de 12h \pm 30 minutos) durante todo o ano e alta incidência de radiação solar.

Avaliando os diversos fatores que contribuem e viabilizam de maneira "sui generis" as possibilidades vitícolas do Vale, faz-se destaque a irrigação, por ser indispensável como alternativa e, também, a única que possibilita o suprimento racional dos déficits hídricos, haja vista a insuficiência pluvial aliada ao curto período de precipitações.

Por outro lado, os programas governamentais que vêm sendo desenvolvidos na Região São Franciscana, têm despertado o interesse de inúmeros grupos econômicos em investir na fruticultura e em particular na viticultura. Os projetos de irrigação que estão sendo implantados, contribuirão para que a cultura da uva venha a ser instalada em condições ideais, isto

é, clima quente e seco, alta luminosidade e suprimento adequado de água.

Enquanto nas demais regiões do mundo, onde se desenvolve a viticultura, existe elevada amplitude térmica entre as estações, com inverno definido e frio, que induz as videiras a um longo período hibernar no seu ciclo vegetativo; no Nordeste, em geral, e no Vale do Rio São Francisco, em particular, são mínimas as diferenças de temperatura entre as estações. A ausência de estação fria é que o torna diferente das outras também semi-áridas. São assim, a Almeria na Espanha, a Palestina, a Tunísia, as ilhas da Sicília, a Argélia, a Grécia, parte da Austrália, os vales da Califórnia, as regiões argentinas de Mendoza e San Juan e algumas áreas chilenas, onde também se adota a irrigação. Porém, é a inexistência de invernos definidos, com temperaturas baixas (geralmente negativas) que possibilitam às plantas vegetarem no Nordeste, durante todo o ano. Com a presença de umidade favorável no solo, as vides modificaram, no Vale do São Francisco, o seu ciclo natural da vegetação, pois somente repousam quando induzidas pela supressão das irrigações (em regime de escassez de umidade).

As peculiaridades acima referidas, possibilitam, como já afirmado anteriormente, o desenvolvimento contínuo durante todo o ano, e colheitas em todos os meses. Este fato, depende, tão somente, do manejo fitotécnico. Não bastasse o relatado, enfatiza-se também, que as condições de semi-aridez de algumas regiões nordestinas, permitem a obtenção de até 5 colheitas em dois anos, sendo contudo freqüente 3 colheitas/ano, com alguns cultivares mais precoces.

Em referência à produção de vinhos, observa-se a possibilidade de obter-se o "Brix" desejado durante 7 meses do ano, permitindo vinhos sempre finos, em todas as safras.

Deve-se também levar em conta a facilidade de funcionamento das Cantinas, que poderão operar em produção durante 7 ou 8 meses do ano.

2. ANTECEDENTES:

Na Região do Sub-médio São Francisco a introdução da videira teve lugar no início da década de 30 com alguns cultivos de pé franco em sistemas de latadas, plantados nos quintais ou jardins de alguns estabelecimentos oficiais e também em algumas "roças" particulares nas margens do Rio.

Assim, em 1963, encontrava-se em Joazeiro-BA, no Serviço de Irrigação do Vale do São Francisco, da Divisão de Águas do Departamento Nacional da Produção Mineral, do Ministério da Agricultura, uma latada constituída de diversas variedades, com bom aspecto vegetativo, embora apresentasse produção irregular, devido por certo, às dificuldades nos tratamentos culturais e fitossanitários. Esta mesma latada, já tinha sido visitada em outubro de 1959, pelo Engenheiro Agrônomo Wilson Corrêa Ribas da Estação Experimental de São Roque-SP, pertencente ao Instituto Agrônomo de Campinas. Nesta ocasião, o referido técnico elaborou um relatório, muito bem consubstanciado, intitulado "Observações sobre as Possibilidades da Viticultura no Médio São Francisco".

O Dr. Ribas relacionou as propriedades oficiais e particulares onde foram plantadas videiras. Dentre as oficiais, o referido técnico destacou: O Posto do Rio Salitre, subordinado ao outrora Serviço de Irrigação do Vale do São Francisco, onde se encontrava uma latada de "pé franco" com mais de 30 anos, plantada no tempo da velha fazenda do Coronel Aprígio, que foi considerada a mais antiga do Vale, não se tendo notícias de quem a tenha plantado.

No posto de Assistência à Irrigação de Coripós, pertencente à C.V.S.F. (Comissão do Vale do São Francisco), foram encontrados, na época, os bacelos sob ripado, que chegara em agosto de 1959, procedente da Estação Experimental de São Roque-SP. No Pontal a C.V.S.F. iniciou também um programa com o plantio de videiras, abandonado um ano depois por deficiências técnicas ou financeiras. Os bacelos, provenientes de São

Roque, foram em parte destinados pela C.V.S.F. à Fazenda da Manga de Baixo, em Belém do São Francisco, de propriedade do Sr. Milvernes Cruz Lima, na época deputado federal. Estes bacelos foram também plantados sob ripados. Já existia na fazenda um plantio de videiras em frutificação instalado em 1957, em sistema de espaldeiras. Era orientado por um técnico agrícola português José Adelino Carneiro Noronha, conhecido na região por "Cabral". Este técnico, depois, prestou serviços à C.V.S.F. e mais tarde à SUVALE.

Finalmente, no Núcleo Colonial de Petrolândia, pertencente também à C.V.S.F., foi instalada uma coleção com 34 variedades que apresentava, na época, aspecto vegetativo satisfatório.

Em estabelecimentos particulares, ressalta-se que, por ocasião da visita do Dr. Ribas em 1959, já existia em uma propriedade nas margens do Rio São Francisco, nas proximidades do Posto de Assistência à Irrigação da C.V.S.F. em Coripós, um parreiral plantado em "pé franco" e conduzido em latada, com aproximadamente 8 anos de idade. Segundo o relato do técnico, este estava meio abandonado, devido ao desânimo do proprietário, por não haver conseguido comercializar a sua última safra.

Em Lagoa Grande também existia um plantio comercial às margens do Rio. Como na propriedade anterior, os únicos tratamentos que se dispensavam ao parreiral eram as irrigações. Ignoravam-se as práticas preconizadas contra doenças e pragas e ataques de pássaros etc. É bom frisar que esta agricultura emergente carecia de assistência técnica, de qualquer espécie, motivo pelo qual, fracassaram essas primeiras tentativas. As videiras recebiam irrigação ininterrupta durante todo o ano, mantendo-se conseqüentemente em estado de crescimento vegetativo constante. Não se conhecia a prática de podas, do desbaste de bagas, do combate ao oídio e muito menos, da suspensão das irrigações dias antes das colheitas. Tal fato, implicava na obtenção de cachos compactos, sem aspecto comercial e de elevada acidez.

Contudo, próximo deste Posto, encontrava-se o primeiro europeu cultivando videiras. Tratava-se do Sr. José Molina Membrado, de nacionalidade espanhola. O referido agricultor, na ocasião da visita do Dr. Ribas, possuía 2 ha plantados no sistema de meia latada baixa, em início de frutificação. Além de já possuir alguma vivência com a cultura em sua terra de origem, recebera alguma orientação do Dr. João Nelly Regis, na ocasião técnico da C.V.S.F.

Em 1965, o Sr. Molina já possuía de 4 a 5 ha sendo, aproximadamente 2 em plena produção, pois o plantio tivera início em 1958, com as variedades Ferral Preta, Itália, Alphonse Lavallée, Príncipe Negro e Califórnia. O plantio foi efetuado em solo aluvional de boa fertilidade às margens do Rio São Francisco. Esse espanhol, já utilizava as técnicas, não só de desbastes, como o de tratamento fitossanitário. O seu produto, de magnífico aspecto e elevado teor de açúcar, não tinha dificuldade de comercialização. O Sr. Molina possuía, portanto, um plantio tecnificado, não somente de videiras, como também de "melão Murciano" e cebola, com elevadíssima produtividade em ambos os cultivos.

Foi nesse período que começou o desinteresse pela cultura emergente, devido à falta de assistência técnica e incentivos à produção, já reclamada por Molina quando em visita a Estação Experimental de Mandacarú, de propriedade da SUDENE. Na ocasião, já tinham sido plantadas as primeiras mudas de casta Pirovano 65 (Itália), recebidas da C.V.S.F. que, infelizmente, não encontrou mais agricultor interessado em seu cultivo.

No município de Salgueiro-PE, na propriedade do Coronel Verimundo Soares, existia uma latada em produção, com 78 videiras em pé franco plantadas no espaçamento de 4 x 3 m, com a idade de 8 anos. O parreiral apresentava ótimo aspecto, com resultados animadores que levaram a aumentar o plantio para cerca de 5.000 pés. Existia, também, os parreirais da Cinza no S.A., iniciados em 1956 no município de Floresta e próximo

à cidade de Petrolândia, que foram projetados para 100.000 pés de videiras híbridas destinadas ao fabrico dos vinhos para vermes.

Em 1966, a Estação Experimental de Mandacarú recebeu bacelos da coleção de variedades, oriundos de São Roque-SP, que existiam em Coripós (Santa Maria da Boa Vista), no Posto da C.V.S.F.. As videiras estavam sendo erradicadas, por serem anti-econômicas e de difícil comercialização. Por incrível e inusitado planejamento, esta cultura nobre estava dando lugar ao plantio de forrageiras para a pecuária. Na Estação Experimental de Mandacarú a videira recebeu cuidados especiais por parte dos técnicos da SUDENE, que não somente instalaram a coleção de variedades recebida da C.V.S.F. por intermédio de Cabral, (José Adelino Carneiro Giraldes de Noronha Menezes), como ainda, ampliaram a coleção com mudas provenientes do IAC em Campinas, obtidas através do Dr. Santos Neto. Em 1968 esta coleção foi aumentada com cultivares enxertados em híbridos de Ruprestis, importados pela FAO, da Itália.

Posteriormente, vários outros experimentos e ensaios de observações foram instalados naquela Estação Experimental. Assim, implantou-se um experimento de irrigação com 4 variáveis de umidade; um experimento de adubação NPK em 3 níveis com delineamento em fatorial, e 2 repetições; ensaios de observação de épocas de podas, onde mensalmente 2 parcelas eram podadas. Outro ensaio instalado dizia respeito ao sistema de condução das vides. Testaram-se sistemas em espaldeiras, latadas, meia latada dupla, em ípsilon, meio ípsilon, em T e, finalmente, em taça. Por último, faz-se referência a mais um ensaio correspondente à coleção de variedades constituída por 46 cultivares, entre uvas de mesa e vinho, conforme relação em anexo.

Em 1972, por determinação governamental, a Estação Experimental de Mandacarú foi incorporada ao acervo da SUVALE (Superintendência do Vale do São Francisco), mais tarde CODEVASF (Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco).

3. FASE ATUAL DA VITICULTURA NO SUB-MÉDIO SÃO FRANCISCO:

Conforme cita a Dr^a. Terezinha C.S. de Albuquerque em recente trabalho - A Expansão da Viticultura no Sub-mé - dio São Francisco - a área total cultivada no presente momento é de 900 ha, em produção. Desta, a maioria com uvas de mesa dos cultivares Itália (65%) e Piratininga (22%). Afirma ainda a re - ferida Pesquisadora que os produtores estão diversificando com plantio de uvas para vinho (13%) a fim de abastecerem as peque - nas vinícolas por eles já instaladas. Cerca de 400 hectares entrarão em 1^a produção em 87/88. Por fim, está previsto para os próximos 2 anos, 1.100 hectares, sendo que só na área dos perí - metros irrigados de Curaçá e Maniçoba, serão 500 hectares. O número de produtores atual, conforme consta no citado trabalho, é de 143. Destes, 111 possuem áreas de 0,3 a 10 ha, 30 com áreas de 10 a 20 ha e 2 com áreas superiores a 100 ha.

4. PERSPECTIVAS ALMEJADAS:

Como foi dito, a videira no médio São Francisco, devido à condição climática da região permite que em qualquer época do ano, se efetue plantio, se proceda podas e/ou colhei - ta, desde que, se proporcione ao solo a umidade necessária. A propagação aqui, se faz com muita rapidez: em 4 meses se permi - te a ida do porta-enxerto para o campo, e a enxertia de 6 meses a um ano. A primeira colheita geralmente se consegue aos 18 me - ses.

Portanto, esta cultura, na região, apresenta uma característica bem peculiar, notadamente no que diz respeito ao encurtamento do ciclo fenológico, que se deve ao fato do eleva - do suprimento de radiação solar, facilitando sobremaneira a manutenção da alta taxa fotossintética e não permitindo que a temperatura caia abaixo de 15°C.

Sugere-se que esta fronteira agrícola emergente, pelas suas características intrínsecas, deveria ser direcionada exclusivamente para cultivares nobres de *Vitis vinifera*, quer seja para vinho, mesa ou passas. Isto talvez possa ser conseguido através de incentivos específicos de órgãos governamentais, ou outras medidas que o CONAVIN venha a indicar com vistas a proteger esta região.

Esses mesmos órgãos governamentais, através de uma assistência técnica mais agressiva poderiam normatizar, também, a comercialização evitando a entrada de produto de má qualidade no mercado. Torna-se necessário, portanto, o estabelecimento de parâmetros, com base nas observações feitas em instituição de pesquisa já existente na região, no que diz respeito a condições de safras, quer para o produto "in natura", quer para vindima.

Observa-se, no presente momento, que os agricultores em sua maioria estão procedendo a colheita de uvas para mesa sem que estas tenham atingido o grau de maturação necessário, e tal procedimento deveria ser urgentemente coibido.

O CONAVIN poderia solicitar um destaque para um programa de pesquisa, voltado para sistemas de irrigação mais apropriado aos vinhedos e, também, para a quantidade de água e turnos de regas.

Também merecem destaque as observações sobre as novas variedades introduzidas, bem assim, as suas afinidades com os porta-enxertos a serem utilizados.

Em síntese, pretende-se que a região do Sub-mé - dio São Francisco, venha a se tornar internacionalmente conhecida como vinícola dentre as melhores do mundo.

5. BIBLIOGRAFIA:

Albuquerque, Teresinha C.S. de - A expansão da viticultura no Sub-médio São Francisco - 1987 - 22p - Petrolina EMBRAPA/CPATSA.

Ribas, W. Corrêa - Observações sobre as possibilidades da Viticultura no Médio São Francisco. 1962, 27p - Instituto Agronômico Campinas-SP.

Nunes, R. F. de M., Possídio, E. L. de Goes E.S. Avaliação de cultivares de videira (*Vitis*, spp) ao vale do São Francisco, Petrolina - EMBRAPA/CPATSA - 1978. 10p.

Relação de Cultivares Existentes na Estação Experimental de Mandacarú em 1972.

- . Alphonse Lavallée
- . Angelino A
- . Angelino B
- . Angelo Pirovano
- . Bassana
- . Branca Salitre
- . Califórnia
- . Campos da Paz
- . Chasselas Doré
- . Dattier de Beirouth
- . Delízia di Vaprio
- . Estevão Marinho
- . Ferral
- . Frankental
- . Gros Colman
- . Império
- . Itália
- . Lassif
- . Madeleine Royal
- . Malvasia de la Chartreuse
- . Molinera Gorda
- . Marengo
- . Moscatel de Alexandria
- . Moscatel de Hamburgo
- . Moscatel Grego
- . Moscatel Rosado
- . Moscato Caillaba
- . Moscato Noir
- . Nápole
- . Oeillade
- . Olivette Noir
- . Panse Precoce
- . Pedro Ximenez
- . Perla de Csaba

- . Perlona
- . Portuguese Blaue
- . Regina di Vignetti
- . Regina
- . Romania
- . Rosaky Rosada
- . Saint Jeannet
- . Semillon
- . Sovrana
- . Sultanina
- . Verdea